



GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.

Resenha

Denise Barros Weiss*

Muitos livros tratam da história da lingüística, mas *A língua inatingível* é um texto ímpar.

Em primeiro lugar, pelos autores. Michel Pêcheux e Françoise Gadet são parte de uma geração de lingüistas que fundaram e depois recriaram a Análise do Discurso na França. São não somente estudiosos muito respeitados em seu campo de trabalho, mas também observadores argutos das diferentes vertentes teóricas em lingüística — tanto os da vertente sociológica quando os da formalista.

Em segundo lugar, pelo ponto de vista adotado. O texto expressa uma profunda insatisfação com ambos os modos de fazer lingüística e explica esse desagrado, analisando como cada um dos grupos acabou por ignorar o fato de que a língua não pode ser descrita de acordo com um sistema que constitui um “continuum de níveis” (para usar a expressão de Ferreira, 1999) e sim um complexo afetado pelo inconsciente e pela história.

Por último, pela época em que foi escrito. Segundo Denise Maldidier¹, *La langue introuvable* foi concebido entre 1976 e 77, mas publicado somente em 1981. A primeira divulgação das suas idéias básicas ocorreu em uma das sessões do seminário de que eram organizadores, além de Pêcheux, P. Henry e M. Plon. Depois, em uma reunião do Centro de Estudos e Pesquisas Marxistas, em uma exposição cujo título era “Há uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo?” “É fácil adivinhar

que a via que se trata de encontrar entre os dois obstáculos do ‘logicismo’ e do ‘sociologismo’ nos levará ao discurso.” (Maldidier, 2003, p. 58).

O livro tem como pano de fundo uma França ainda marcada pela revolução de 68, e constituiu um marco da escola francesa da análise do discurso.

O que se pretende neste trabalho é registrar um olhar sobre esse texto, quase trinta anos depois de ele ter sido escrito. Como todo texto, este evocou em mim, como leitora, outros textos. Por isso, entremeados às anotações sobre *A língua inatingível* estão alguns fragmentos — lembranças de casos, de outros textos —, pedaços de uma memória individual que foram reavivados com a leitura desse material tão rico.

Por isso penso que o resultado do trabalho não é exatamente um texto; parece mais um bordado — às linhas originais de Pêcheux e Gadet se misturam, em alguns pontos, uns enfeites...

Uma leitura do texto

Nesta obra podemos ver como a noção de equívoco trabalha a reflexão sobre a análise de discurso, sem trégua. Mas não é só das noções discursivas que trata este livro. Seu nome já aponta para o que inquieta os autores: a língua em seu real que, como diz J-C Milner, é o impossível. Para compreender isso, e partindo da idéia de que há língua e há línguas, os autores se dão a difícil tarefa de compreender a relação língua/discurso.²

A teoria proposta por Gadet e Pêcheux passa ao largo do que seriam duas escolhas fáceis: Tanto evita as evidências ideológicas do que seria uma linguagem clara, racional e unívoca,

* Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal Fluminense. Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora. dbweiss@terra.com.br.

¹ MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (Re)ler Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

² Disponível em www.submarino.com.br

*quanto trata com cuidado os usos poéticos que exploram os equívocos da linguagem. Para os autores, a língua(gem) é uma unidade cheia de furos.*³

Gadet e Pêcheux apresentam a história de como a lingüística persegue, de diversas maneiras e por diferentes caminhos, o ideal da língua, aquilo que, como explica o título, é "*A língua inatingível*", e de como esse real se lhe escapa sempre por entre os dedos. É um texto longo e denso, estruturado em dois grandes blocos, cada um composto por capítulos curtos, cujo conjunto forma como que um mosaico de olhares.

O objetivo desse trabalho, segundo Eni Orlandi, em seu prefácio à tradução brasileira, é fazer "uma belíssima história da lingüística, sem deixar de lado o sujeito do conhecimento, o político, a ideologia e a própria história".

O livro começa com um olhar crítico sobre os caminhos trilhados pela lingüística. Os autores a apresentam como estando em um momento delicado, quase em um beco sem saída: por um lado, seguindo em direção às manifestações externas da linguagem, embaralha-se em uma profusão de regras e em uma mistura entre o social, o cultural e o lingüístico. Por outro lado, caindo na eterna procura do Santo Graal da Gramática Universal, chave que abriria as portas para a compreensão de todo o mecanismo das línguas e, por extensão, a língua. Nos dois casos, afirmam os autores, a lingüística se perde, e perde de vista seu objetivo.

A essa visão geral segue-se uma análise atenta e por vezes dura das tentativas feitas para captar esse real fugidio: os caminhos da lingüística, oscilando entre empirismo ou racionalismo. Os autores apresentam, então, uma abertura para aquilo que será um dos pontos chave do livro: como o poder constituído tenta se apoderar e se apropriar da língua, torcendo-a segundo seus próprios objetivos, de modo a manter sob controle as manifestações do povo.

Ao tratar da formação das línguas nacionais, Gadet e Pêcheux detalham esse fascínio pelo poder da língua, "um poder nu, que não precisa nem mesmo dizer o seu nome" (Milner, apud Gadet e Pêcheux, 2004, p.32). Mostram, particularmente, como, no movimento da ascensão da burguesia, houve, paralelamente às (alegadas) mudanças sociais, dois movimentos contraditórios: de um lado, uma apropriação rápida e eficiente dos códigos usados até então pelos nobres, desde o período feudal, o que garantia a continuidade de muitas das condutas valorizadas e legitimava a burguesia como classe social hegemônica; de outro lado, um trabalho importante de afirmação da língua nacional como uma forma de expressar apoio e respeito às diferenças, garantindo uma imagem saudável e muito útil de novidade e de atenção com as classes desfavorecidas. Como se vê, já na Revolução Francesa se pretendia ser "politicamente correto"...

Uma das características mais marcantes do livro é o uso constante que os autores fazem das metáforas. Entre as muitas que merecem citação, destacam-se as do Direito e da Vida, que serão balizas na discussão teórica sobre os rumos da lingüística de cunho social (sob o signo do Direito) e a de cunho biológico (sob o signo da Vida). Segundo os autores, as duas vertentes da antropologia lingüística — social e biológica — são tentativas constantes de apropriação da língua, seja pela ordem, pelas regras, pelo domínio do sistema, seja pelo reconhecimento de cada diferença na produção, de cada deslize de sentido.

A partir dessa análise, chega a uma descrição de outras tentativas de se atingir o cerne da língua, por caminhos dos obcecados por ela, em uma modalidade de loucura que Pierssens denominou logofilia — outra tentativa de dizer o indizível. Os homens loucos por sua língua perseguem-na não só no teatro, na poesia, mas também na ciência. James Joyce, Guimarães

³ *His theory of language and society refrains from all too easy choices: Pêcheux avoids the ideological self-evidences of so-called clear, rational and univocal language. But he also treats with caution the poetic or mad play that explores the equivocality of language to invoke change. Language is a unity full of breaks. HELSLOOT, Niels. Disponível em <http://www.nielshelsloot.nl/publications/1995a.htm>*

Rosa resvalaram nessa língua que é sempre outra coisa. Gilberto Gil fez uma bela tentativa de explicar essa obsessão, fornecendo-nos ao mesmo tempo um exemplo e uma inspiração para compreendermos essa logofilia do poeta:

*Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível
Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível
Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível
Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora⁴*

O sonho da onipotência sobre a língua seduziu não somente poetas e políticos, mas também cientistas. Houve muitas tentativas de mimetizar perfeitamente a significação em onomatopéias, aprisionando a língua como a uma harpa mágica, dominada para tocar somente a canção que se deseja. Mas não é possível aprisionar o sentido. Aprender, talvez. Aprender, nunca.

Se as línguas já existentes não podem ser presas, que tal construir a própria? Os esperantistas continuam nessa empreitada ainda hoje. Ou quem sabe encontrar o ideal no passado, na língua mãe da humanidade? Ou talvez criar máquinas obedientes e dóceis, que entendam até nossos pensamentos... Nesse ponto, ficção e ciência tentam a façanha, que contudo esbarra sempre na liberdade que a língua tem de assumir sentidos imprevistos pelo seu "criador"⁵.

Nesse ponto, os autores nos desanimam dessa busca: Assumem, tomando as palavras

de Milner, que o real da língua é mesmo o impossível. Falar é escolher, escolher é renunciar. Assim, tudo não se pode dizer. Como exemplo desse impossível, lembram aqueles que compararam a tentativa de apreender o caráter da língua ao mito da completude do ser humano. Mais uma vez o impossível se impõe:

Esse ponto de impossível surge do fato de que, como dois sujeitos não se podem unir, 'não há relação sexual (LI, 52)⁶.

Manuel Bandeira também nos fala dessa frustração, que poderíamos associar à que se sente quando não se é capaz de tocar o outro pela palavra:

*As almas são incomunicáveis.
Deixe o teu corpo entender-se com outro corpo,
porque os corpos se entendem, mas as almas não.⁷*

Ou podemos ainda recorrer a Fernando Pessoa:

*Como é por dentro outra pessoa
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.
Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo.*

Fernando Pessoa, 1934⁸

Se Milner propõe o real da língua, Gadet e Pêcheux vão ainda além: propõem que há um real da história. Portanto, por esse raciocínio, se não se pode apreender o real da língua, também não é possível apreender a história. A história, como disciplina, será, então também uma sucessão de desvios e escorregadelas, de mudanças de olhares sobre os fatos.

Os autores começam a entrelaçar as teorias lingüísticas com o pano de fundo histórico em

⁴ GIL, Gilberto. *Metáfora*. Disponível em www.lumiar.com.br/songbook/s_gil.htm

⁵ Pode-se citar, como exemplo, filmes como o clássico "2001, uma odisséia no espaço".

⁶ Usou-se nessa resenha a abreviatura LI para designar "A língua inatingível".

⁷ BANDEIRA, Manuel. *Arte de amar*.

⁸ Insite. <http://www.insite.com.br/art/pessoa/coligidas/809.html>

que nasceram, mostrando como ciência e história se interpenetram. Esse movimento começa com Saussure.

Os textos de história da lingüística comumente destacam, ao tratar de desse autor, a noção por ele proposta de arbitrariedade do signo. Os autores de *A língua inatingível*, porém, vão seguir outro viés, observando como, em Saussure, surge a aparente contradição entre o Curso de Lingüística Geral e os Anagramas — portanto entre a lógica fria do signo lingüístico e o deslizamento de sentidos desses jogos de palavras — o diurno e o noturno, mais uma metáfora para o dualismo.

Para nós [os autores], o saussuriano não se divide assim: o que faz aqui irrupção na lingüística (e que nela fica parcialmente entravado) refere-se precisamente à relação entre o diurno e o noturno, entre a ciência e a poesia (ou até a loucura) (LI, 57).

Os autores advogam a tese de que a principal contribuição de Saussure é a sua concepção de valor e criticam os que consideram Saussure “simples”. Evocando Benveniste, afirmam que

Colocar o valor como peça essencial do edifício [da obra de Saussure] equivale a conceber a língua como rede de “diferenças sem termo positivo”, o signo no jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade; conceber o não dito, o efeito in absentia da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma; o não-dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do “nãotudo”, efeito da alíngua; é pelo papel constitutivo da ausência que o pensamento saussureano resiste às interpretações sistêmicas, funcionalistas, gestaltistas e fenomenológicas que, entretanto, elas não cessam de provocar (LI, 58).

Amado Alonso, no prólogo à edição em espanhol do Curso de Lingüística Geral, enfatiza a importância dada por Gadet e Pêcheux à noção de valor:

Este concepto lingüístico de valor ha sido revolucionário y de una incalculable fecundidad

*científica: el funcionamiento entero de una lengua consiste en el juego de identidades e diferencias; valores y sus oposiciones.*⁹

Gadet e Pêcheux enfocam a obra de Saussure sob a perspectiva psicanalítica, sobretudo o trabalho de J – C Milner:

Depois de Galileu, Darwin, Marx, Freud... o que aparece com Saussure é da ordem de uma ferida narcísica. Um saber aí se libera, o qual, sob o peso do que a ciência da linguagem acreditava saber, a obcecava sem que ela aceitasse reconhecê-lo: a língua é um sistema que não pode ser fechado, que existe fora de todo sujeito, o que não implica absolutamente que ela escape ao representável (LI, 63).

Entretanto, estranham que o próprio Milner, que reconhece a “indissociabilidade dos dois Saussure”, deixe de perceber a importância do conceito de valor como ponto central de sua obra, detendo-se apenas a considerar a poesia como lugar de cessação da univocidade de sentido, sem perceber que essa cessação pode ser estendida à língua como um todo.

Apresentando as intercessões entre o real da língua e o real da história, os autores vão então mostrar como, no decorrer dos movimentos decorridos no Leste Europeu no século XX, tentou-se dominar a língua e, através dessa estratégia, dominar a história.

O que afeta e corrompe o princípio de univocidade na língua não é localizável nela: o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (lingüístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história (LI, 64).

Gadet e Pêcheux (p. 64) afirmam que “toda desordem social é acompanhada de uma espécie de dispersão anagramática que constitui um emprego espontâneo das leis lingüísticas do valor: as massas tomam a palavra”. Os autores vão apresentar mais tarde uma série de exemplos desses acontecimentos, especialmente na revolução russa. Mas podemos evocar um exemplo bastante recente desse fenômeno, ocorrido no Brasil na década de 90 — a chamada “Era Collor”.

⁹ SAUSSURE, F. *Curso de lingüística general*. 4. ed. Buenos Aires, Editorial Losada, 1961. p. 9.

Naquela época, o sobrenome do então presidente da República contaminou, inicialmente sob a forma de adjetivo, todos aqueles que faziam parte de suas comitivas ou que partilhavam de seus ideais político-econômicos. Sua derrocada foi marcada por uma crescente depreciação desse adjetivo, e culminou com uma associação entre cores (ou talvez até uma ligação com a palavra em inglês para cor — língua também associada à modernidade pregada pelo político) feita pela população. O resultado dessa leitura foi um embate entre presidente e população, em uma brincadeira séria com as metáforas contidas no nome e nas cores. O presidente pediu que as pessoas saíssem às ruas em seu apoio, usando verde e amarelo a população deu sua resposta com sinal trocado: um eloqüente mar de roupas pretas. E “collorido” transformou-se, por muito tempo, em uma expressão ofensiva.

Em *A língua inatingível*, esse tipo de trabalho com a língua vai ser exemplificado com os movimentos paralelos ocorridos na Revolução Francesa e na Rússia de 1917. Os autores vão esmiuçar inúmeros jogos de palavras e deslizamentos de sentido que refletem mudanças sociais nesses dois momentos da história.

Os autores assim resumem a relação entre a lingüística e a política russa do princípio do século XX:

Nesse ponto em que começa a lingüística (Moscou é um dos raros lugares em que Saussure tornou-se conhecido a partir de 1917), uma revolução cultural se prepara: o movimento das massas de Outubro traça, assim, entre os profissionais da linguagem (...) uma linha de demarcação entre aqueles que dobrar-se-ão diante do risco da anarquia e do caos no academicismo da tradição russa, baseado numa língua ao mesmo tempo litúrgica e feudal, e aqueles que, de várias maneiras, “escolherão o campo da revolução” (LI, 70).

Vão então apresentar como a língua foi utilizada no correr da Revolução Russa, quer pelos governantes, para manipular informações e divulgar um pensamento unívoco sobre o que ocorria, quer pelos que, se rebelando contra o regime totalitário, usavam essa língua para falar de sua insatisfação.

Esse rastreamento começa com os “protagonistas do Outubro lingüístico e literário”, grupos que, durante os últimos anos da década de 10, “mantiveram-se à frente na cena ideológica”. Em uma listagem que exhibe muito conhecimento de nomes (e que por isso exige do leitor muita informação prévia para ser devidamente apreciada), narram como cada grupo atuou, ou tentou atuar, na revolução proletária, mostrando, com um lamento, como esse conjunto de ações foi engolfado pelo sistema.

Dos movimentos literários, passam a analisar os movimentos pedagógicos. O livro sublinha a relação entre as lutas camponesas pelo poder após a revolução bolchevique e as políticas lingüísticas concomitantemente adotadas. Desde antes da Revolução Russa, já havia uma oposição, no campo das idéias, entre a visão urbana, caracterizada pelo gosto pelo progresso e pela ocidentalização dos costumes, e a visão rural, marcada pelo tradicionalismo religioso e a fidelidade à cultura eslava. Essa contradição marca o modo como se processou a chamada “educação das massas”. A questão era:

Como conciliar as necessidades econômicas e políticas (difusão das técnicas agrícolas e industriais, estabelecimento da administração soviética) com as formas nacionais e as heranças que elas veiculam? (LI, 78).

O reflexo dessa contradição está na tentativa dos teóricos de unir as vanguardas a temas ligados à tradição dos literatos, criando textos de ficção científica em que opunham a artificialidade das cidades humanas à naturalidade dos campos (não muito diferente do que se tem hoje nos temas de filmes como *Blade Runner* e *Matrix* — que radicalizam as diferenças entre o artificial e o natural até o limite de discutir o caráter do real).

Essa tensão vai tomar corpo também no pensamento leninista, “comprimido entre a necessidade de uma liberdade de participação crítica na política por parte de todos os cidadãos e a exigência de sua subordinação ‘técnica’ no processo de trabalho organizado por especialistas” (LI, 80).

Essas contradições podem ser observadas na obra de Maïakovski. Por um lado esse poeta

tomou a si a tarefa de divulgar as palavras de ordem dos bolcheviques, e se aproximou dos formalistas, propondo a “despoetização da natureza”. Por outro lado, o mesmo intelectual produziu obras em que sobressaem “o humor, a fantasia desregrada, e a derrisão agressiva”.

Maiakovski, como artista e como representante — porta-voz — de uma ordem, de uma proposta, teve um destino curioso: apesar das provocações e do seu suicídio, o conformismo stalinista pôde reconstruir dele uma imagem positiva do herói revolucionário. E, poderíamos acrescentar, depois de muitos anos, em um país ao sul do equador, tornou-se uma estampa famosa, que adornou camisetas e quartos adolescentes da chamada “contra-cultura”. Mais uma vez devorado pelo sistema, ainda que, paradoxalmente, símbolo de resistência, tornou-se citação fácil para quem nada sabia de Revolução Russa, mas que achava “muito maneiro” ser moderno.

Mas a roda viva do movimento político vai girar, e com ela vão mudar os rumos e as idéias. Aumentam as pressões do governo russo, especialmente após a morte de Lenin, sobre o pensamento lingüístico e literário.

... o C.C. de 1924 sobre a literatura continuará a garantir politicamente a existência de diferentes correntes, escolas e movimentos; mas um processo se trava, no qual as armas de uns e de outros vão progressivamente voltar-se contra eles (LI, 87).

Começa então a “recriação soviética do mundo” (LI, 93). O Estado russo adota a educação das massas como meio de acabar com as contradições da luta de classes. Esse procedimento resulta, paradoxalmente, não em uma uniformização do pensamento, mas em um acirramento das contradições, ainda que abafadas pelo recrudescimento do totalitarismo.

A atenção dos autores se volta, agora, para

o modo como se articulou a “língua de Estado”, trabalho de Stalin, cujo objetivo era dar conta da história, tornando-a mais de acordo com seus objetivos e sua ideologia. Na falta de uma potente máquina do tempo, o ditador contentou-se em usar meios mais corriqueiros de trabalho — assassinatos, certamente, mas principalmente destruição de documentos, em uma enorme tarefa de reconstruir a história recente daquele país¹⁰. O que precisava fazer ia além da eliminação pura e simples das pessoas físicas. Era necessário apagar essa imagem indesejada da memória coletiva. Todos os meios possíveis foram usados. Apagamento de fotos (o que ele não faria com um computador, hoje...), de dados biográficos, a reescritura de histórias, a remontagem dos fatos segundo a ordem mais conveniente... Mas ele não sabia (nem tampouco os autores desse livro, na época de sua elaboração) que o passado voltaria, bem mais tarde, para cobrar sua parte: suas cidades, tão bem renomeadas, reassumiram seus nomes originais; sua estátua, tão bem construída, foi derrubada do pedestal, as línguas que ele supôs soterradas pelo russo voltaram em guerras fratricidas, ansiosas pelo reconhecimento¹¹... são as voltas da história.

Onde está o ponto de ruptura de Stalin com a ordem antes proposta por Lenin? Segundo os autores, está na maneira pela qual as metáforas utilizadas por Lenin foram lidas por Stalin: ao pé da letra. O que se perdeu, para usar a linguagem de Pêcheux e Gadet, foi o humor: a capacidade de enxergar além das palavras, além de um sentido unitário que se quer atribuir a elas. A linguagem deixou, mais uma vez, de ser uma representação do real para se passar por ele.

A linguagem como imagem lógica da realidade, reflexo do real e expressão da objetividade.

¹⁰ O que, ao que parece, não foi privilégio dele. Conversas com uma família russa, há alguns anos, me revelaram que uma das dificuldades de se estudar na Rússia dos anos 90 foi justamente desembaralhar os fios dessa história reescrita tantas vezes – e que mudava a cada geração de alunos nas escolas oficiais.

¹¹ Um aluno sérvio explicou que quando começou a guerra na antiga Iugoslávia, uma das primeiras providências de cada um dos grupos envolvidos foi voltar a falar em sua língua, e houve um grande movimento de modificação dos nomes, atribuindo àquilo que só tinha um nome em russo um equivalente em sérvio.

de: o realismo socialista em literatura baseia-se no mito de uma coincidência entre a linguagem e o real, impondo-se descrevê-lo 'objetivamente', tal como é... na ideologia stalinista, ou seja, de fato, transfigurar a realidade ao 'refletir-la' (LI, 103).

E as pesquisas lingüísticas durante esse tempo?

Na Rússia de 1929, Voloshinov /Bahktin propõe o viés sociológico de análise, em oposição ao trabalho dos formalistas. Suas teses, embora baseadas nas de Plekhanov, serão rechaçadas pela revolução soviética. A proposta lingüística de Stalin é a da tratar a língua como ferramenta, "um instrumento de comunicação homogêneo no conjunto da sociedade". Passava ao largo, portanto, de quaisquer considerações que ligassem a língua e seu domínio à luta de classes. Esse modo de pensar já tinha sido visto antes, no feudalismo, na revolução burguesa... Sintoma do poder?

Outros grupos também se dispuseram a pensar a língua no mundo soviético: os círculos lingüísticos. Um olhar sobre as suas trajetórias revela como se relacionaram poder constituído e pesquisas lingüísticas.

Primeiramente, o Círculo Lingüístico de Praga: sobrevivente do Círculo de Moscou, sofreu mudança não apenas de lugar, mas conformação teórica. Produziu a teoria fonológica de Trubezköi, de Jakobson e de Karcevski. Influenciados por Saussure e por Husserl, esses teóricos pouco se interessavam por sintaxe. Dissolvido em 1939, o Círculo deixará como herdeiro um Jakobson que transporá o mar e desembarcará com suas teorias nos Estados Unidos, onde fundará outro Círculo Lingüístico, o de Nova York. Esse grupo norte-americano nunca negou a herança formalista. Pelo contrário, Jakobson vai tender sempre a procurar universais fonológicos: "ele sonha com uma ta-

bela de Mendeleiev dos elementos fônicos" (LI, 109).

De Círculo em Círculo, chega-se ao de Viena. Seu chefe? Carnap. Seu propósito? Uma crítica da língua — "um saneamento científico da linguagem". Segundo Pêcheux e Gadet, o círculo de Viena realizou um trabalho paradoxal: ao mesmo tempo em que confiavam no fato de que a língua se purifica por si só, sendo capaz de resistência contra as "impurezas", desconfiavam dos ardis que essa própria língua demonstra ser capaz no cotidiano. Ao que parece, os teóricos desse Círculo chegam a reconhecer os "furões" da língua, mas os temem como excrescências que deveriam ser vigiadas atentamente.

A análise dos eventos que marcaram o período da Segunda Guerra Mundial na lingüística funciona como um ponto de ruptura no livro. Até esse ponto, os autores acompanhavam os movimentos lingüísticos na União Soviética. Agora vão migrar (provavelmente junto aos perences de Jakobson) para a América.

Não por acaso a segunda metade do livro¹² começa com "A grande Travessia". Nesse capítulo, Gadet e Pêcheux mostram um apanhado de como foi engendrada — por diferentes teóricos — a "conjunção astral" que possibilitou o advento do formalismo que culminará com o trabalho de Chomsky¹³ e, por oposição, os futuros trabalhos em lingüística de caráter sociológico. A descrição dos autores começa com a grande diáspora do século XX — um enorme contingente de intelectuais fugindo da Europa nazista para o sonho de liberdade norte-americano. O pano de fundo filosófico é esmiuçado, e mais um duplo é apresentado: Wittgenstein — opondo-se o *Tractatus* e as *Investigações Filosóficas* (ambos os trabalhos filiados à tradição neopositivista de Carnap) ao Wittgenstein dos "jogos de palavras" (LI, 123), que irá inspi-

¹² Cabe aqui sublinhar a interessante simetria que subjaz não somente ao tema do livro – os duplos, as contradições, as visões especulares - mas também à conformação do próprio livro. O ponto de virada dos autores fica exatamente na metade do livro, um número semelhante de capítulos de cada lado sugere não apenas uma cisão, no nível do conteúdo do texto, mas também algo de uma visão especular da história da lingüística.

¹³ A importância dada a Chomsky nesse livro faz pensar em como era forte sua influência à época em que esse livro foi escrito, e em como isso foi sendo relativizado no correr das décadas seguintes.

rar Austin e Searle.

Percorrendo o caminho de Chomsky, os autores mostram a inserção desse estudioso em uma linha teórica:

De Saussure ao C. L. P., do C. L. P. ao funcionalismo, de Bloomfield a Harris e de Harris a Chomsky, um deslocamento teórico foi realizado, conseguindo colocar no centro das preocupações lingüísticas a questão da construção sintática dos enunciados; no campo americano, essa questão se colocará nas formas, fazendo diretamente alusão às preocupações da lógica matemática (LI, 127).

Apresentam a polêmica entre Bar-Hillel¹⁴ e Chomsky, indicando nela os princípios da teoria gerativo-transformacional.

Gadet e Pêcheux encontram em Chomsky uma ligação com o materialismo. Mostram que Chomsky, ao recusar o logicismo puro, abre espaço para essa distinção.

A materialidade da língua só consente em se representar no materialismo de uma escrita com a condição expressa de não se identificar com ele (LI, 130).

Os autores mostram a filiação de Chomsky às idéias de Popper. Apresentam a ligação desse teórico da filosofia da ciência com o positivismo (“relações ambíguas de proximidade e oposição”), mas chamam a atenção do leitor para as críticas de Popper a essa corrente — especialmente no que diz respeito às posições a respeito do tratamento dos dados em pesquisa e à teoria da indução.

Um elemento da teoria de Popper que se reflete no trabalho de Chomsky é o do foco da pesquisa, colocado não nos dados (no que esses autores se opõem ao empirismo de Carnap), mas no problema a ser levantado. Essa concepção abre caminho para um olhar mais racionalista sobre o objeto (no caso de Chomsky, a língua).

Configuram-se as hipóteses fundamentais da teoria chomskiana: a pesquisa restrita ao nível frásico, a dependência estrutural, a estrutura

abstrata.

Se a influência de Popper fez com que Chomsky adotasse o modelo da física, a influência de Carnap o faz lidar também com modelos matemáticos e, com o desenvolvimento de sua teoria, ele avançará em direção ao modelo biológico de linguagem, quando, em *Aspects*, substitui a noção de recursividade pela de criatividade.

Se há uma falha no raciocínio de Chomsky, dizem os autores, essa falha está na sua tentativa de “brincar de Deus” — tentar propor uma teoria que, ao mesmo tempo em que dá conta do infinito na linguagem, seja verificável segundo padrões científicos.

A contradição do chomskianismo revela-se, aqui, entre o cuidado em construir protótipos gramaticais (parciais, portanto experimentáveis) e a tentação de um recurso narcisista infalsificável aos ideais totalizantes da biologia (LI, 143).

O lingüista vai se mostrar sempre antifuncionalista: para ele a linguagem não é um instrumento de comunicação, mas uma propriedade biológica da espécie humana. Ele tenta provar essa teoria mostrando a ambigüidade como exemplo. Se a língua tem como função comunicar, como, argumenta Chomsky, permite um sistema tal que se pode dizer coisas muito diferentes com a mesma palavra ou a mesma expressão? É no mínimo antieconômico.

Mas a preocupação com a ambigüidade não é específica de Chomsky, e ele também não é o único a tentar propor um sistema que dê conta do que para ele é um problema. Gadet e Pêcheux mostram isso cotejando a perspectiva chomskiana com a de Ruwet. O primeiro analisa a ambigüidade e tenta resolvê-la no nível da estrutura profunda: “nesse domínio, a ambigüidade constitui apenas um fenômeno pontual e idiossincrático considerado como puro sintoma, uma conjuntura de discussão” (LI, 145). Ruwet, por sua vez, trata a ambigüidade como “critério de adequação das gramáticas” (LI, 145).

¹⁴ Yehoshua Bar-Hillel: filósofo, matemático e lingüista do MIT, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da tradução automática (machine translation). (Fonte: <http://list-of-linguists.wikiverse.org/>)

Gadet e Pêcheux explicam que o interesse da ambigüidade está no fato de que ela seria um ponto de resistência ao tratamento lógico da língua: “é um ponto essencial da diferença entre ‘língua natural’ e ‘linguagem artificial’” (LI, 145). Bem diferente, portanto, da posição adotada pelos autores que resenharam.

A preocupação com a resolução das ambigüidades revela a negação teórica das incertezas na língua. Chomsky e Ruwet se igualam nas tentativas de resolução: ambos falham. *A língua inatingível* apresenta mais um paradoxo da teoria de Chomsky:

A ambigüidade constitui, portanto, um ponto privilegiado da contradição chomskiana: nunca mais Chomsky terá semelhante intuição da especificidade indiscutível da língua, mas também nunca mais ele ficará tão próximo de um jogo lógico. É em termos lógicos, com argumentos lógicos, que ele tenta escapar ao logicismo: daí a paródia (LI, 147).

Os autores seguem sua análise da teoria gerativa, apontando agora para outras “falhas” que vêm desfazer a regularidade do sistema naquilo que é dado como o seu centro: no nó da consistência/completude. Levantam os trabalhos de outros autores (mais vez, destacando os de Milner) que mostraram os muitos pontos da linguagem de que a teoria gerativa não dá conta: o sistema de pronomes, os indicadores de dêixis são alguns exemplos. À página 152, um resumo do que significam esses ataques à teoria:

Não é, portanto, no plano das propostas de tratamento que reside, a nosso ver, o interesse das falhas, mas na “subversão” (termo de Milner) que elas fazem o modelo chomskiano sofrer. Naturalmente, trata-se de um ponto em que a lingüística encontra a psicanálise. (...) Embora a lingüística não tenha nada a dizer do inconsciente, ela pode assinalar pontos da língua em que o sujeito não pode ser apresentado como um sujeito desejante.

A questão da presença do inconsciente na língua e de sua ausência na lingüística nos leva ao próximo ponto abordado: a inconsistência do objeto de que a lingüística pretende dar conta. Chomsky apresenta, como encaminhamento dessa questão, dois momentos em sua teo-

ria. Um, em que mostra a homogeneidade material da língua e a impossível distinção, no âmbito formal, entre o que é gramatical e o que é agramatical (O que diferencia “as incolores idéias verdes dormem furiosamente” de “as animadas crianças loiras correm furiosamente”?). No segundo momento, surge a aparente solução para esse impasse. Junto com o infalível sinal de asterisco, a figura do falante ideal, capaz de distinguir uma frase da outra intuitivamente, reconhecendo-lhes o sentido — ou a falta dele — sem recorrer a contexto (palavra que talvez nunca tenha aparecido em sua obra).

Assim, a “questão dos dados é imediatamente considerada, na G.G.T., na sua relação com a questão do sujeito” (LI, 154). Um sujeito a-político, a-histórico, descarnado, por assim dizer. Talvez até muito semelhante ao marciano de Pêcheux e Gadet.

O impossível na língua será objeto de muitas tentativas de contorno, na lingüística, pela determinação do que é ou não gramatical, pelo estabelecimento de fronteiras, de balizas. O impossível seria, então o que não se enquadra nos parâmetros de gramaticalidade. Mas continua fugidio: há sempre um mundo possível em que o agramatical deixa de sê-lo; quando isso não acontece ainda pode entrar em cena o humor, a brincadeira, o nonsense. Assim o impossível continua sendo também o intangível.

Em Chomsky essas tentativas de apreensão da agramaticalidade o farão classificá-la e tentar propor escalas de aproximação entre gramatical e agramatical.

O que escapa à teoria chomskiana? Segundo *A língua inatingível*, a noção de discursividade, que substituiria a interpretação semântica das sentenças por “uma prática de interrogação dos textos referidos à sua posição em um campo histórico. (...) A tese que resulta disso é que o sentido não preexiste à sua constituição nos processos discursivos” (LI, 158).

Toda a complicação está no fato de que não se admite, na teoria gerativa, que há na língua um caráter transgressor, do qual a metáfora é somente um exemplo.

Pêcheux e Gadet começam então a fazer o

longo caminho rumo ao “momento atual” — meados da década de 70. Segundo eles, “essa facilidade negligente, essa certeza de ter contornado o obstáculo, sinaliza a prática da geração atual de lingüistas: nesse sentido, Milner tem razão em perceber aí alguma coisa da ordem de um desperdício, ou até de um assassinato: os especialistas da língua regulamentaram sua relação com a língua” (LI, 163).

Vão assim mostrar como as contradições advindas dessa negligência afetam a teoria chomskiana. Fecham o capítulo com um primoroso resumo de suas preocupações:

Em uns vinte anos, passou-se de um horizonte filosófico (vago e relativamente acolhedor) da prática lingüística ao sectarismo biopsicológico. Da competência às estruturas mentais inatas, e destas últimas aos universais, a semântica e a biologia selaram sua aliança: o império dos sentidos e as evidências do órgão mental.

A língua inatingível é a aparição no interior da lingüística de um espaço lógico regulamentando as práticas dessa disciplina, levando o sujeito a se reconhecer nesse regulamento (LI, 168).

A perspectiva biológica dotada por Chomsky, que não admite referência a evolução ou a aprendizagem com os próprios erros vai ser contestada por Piaget, embora este último tenha tentado se aproximar do gerativismo. A fonte usada por Pêcheux e Gadet para retratar essas discussões foi *Theories du langage, thorie de l'apprentissage*, publicado em 1979. No capítulo destinado a apresentar esse confronto entre a teoria inatista e a construtivista, os autores criticam ambas as correntes, mostrando que ambas ignoram a interferência da história no indivíduo.

Pode-se, com efeito, interpretar a posição inatista como a instauração de uma distância máxima entre o momento filogenético da constituição do cérebro humano e aquele de seu emprego nas mais diversas atividades atualmente observáveis, daí o “comportamento lingüístico”: a história da evolução das espécies não tem nada a ver, por exemplo, com a história transformacional de uma frase! (...) a perspectiva inatista tende, assim, a este olhar absoluto em que, objeto real e objeto de conhecimento vindo a coincidir, o epistemólogo se instala no lugar do construtor.

(...)

A posição construtivista pode ao contrário ser interpretada como um empreendimento de recobrimento filogenético e ontogenético, no ponto em que a história de cada “desenvolvimento” individual reproduz parcialmente a evolução das espécies e a história dos conhecimentos científicos. (LI, 175)

Em “Dois Chomsky?” Gadet e Pêcheux vão investigar até que ponto realmente se distinguem o lingüista e o cidadão politizado, observando mais um duplo na história da lingüística. Mostram que as relações entre ambos os papéis desempenhados por Chomsky são bem mais profundas – assim como Chomsky se beneficia de seu renome como teórico para falar dos problemas sociais, sua teoria também se beneficia do encontro de seu criador com a realidade – é isso que a faz, em última análise, avançar.

No trecho abaixo, os autores fazem uma crítica curiosa a Chomsky.

Se o trabalho político do historiador consiste, ao menos em parte, em reinterpretar, em função da conjuntura presente, os elementos históricos conhecidos, é certo que Chomsky realiza um trabalho de historiador, sobre seu próprio trajeto e sobre a história da lingüística. A seu modo, ele reescreve a história da Gramática Gerativo-Transformacional e das ciências da linguagem... mas o faz “a seu modo”, cedendo a facilidades muitas vezes desconcertantes. (LI, 183)

Fica a impressão de que Pêcheux e Gadet acabam, com esse comentário, de alguma forma comparando (equiparando?) o tratamento dado à história da lingüística por Chomsky com o modo pela qual foi tratada a história em outros momentos — quem sabe na Rússia de Stalin?

Se o gerativista reescreveu sua história e a reinscreveu em uma história da lingüística “livremente adaptada”, por que o fez? Pêcheux e Gadet consideram que essa explicação se encontra nas diferentes raízes da lingüística como disciplina na Europa e nos Estados Unidos. Enquanto no velho continente a disciplina teve como berço o estudo dos textos clássicos, adotando as regras gramaticais desses textos como referência para a elaboração de sua gra-

mática, a que se dá enorme atenção – e isso se reflete no sistema educacional europeu –, os Estados Unidos têm uma história radicalmente diferente, já que sua cultura é marcada por um forte sentido do pragmático.

Nesse contexto, a língua deixa o espaço europeu do adestramento (...) e se torna um órgão-instrumento do sujeito, um dos meios pelos quais ele se exprime, se comunica com os que o cercam e age sobre eles (LI, 185).

Em um ambiente em que a gramática tem tão pouca importância e é tão pouco estudada, Chomsky cria justamente uma teoria da gramática. De certa maneira isso o impele a mostrar que tem, sim, uma base, um berço, mas não exatamente o mesmo que os gramáticos europeus. Os autores têm palavras duras para explicar a necessidade de filiação de Chomsky a uma corrente teórica:

Era necessário inscrever essa descoberta (essencialmente o itinerário teórico que vai do estruturalismo de Harris ao gerativismo da T.S.) numa história da lingüística suscetível de prefigurá-la fornecendo-lhe títulos de nobreza¹⁵ (LI, 186).

Os autores sugerem então examinar o “fundamento teórico da controvérsia filosófica americana que opõe o empirismo ao racionalismo para tentar determinar a posição real da Gramática Gerativo-Transformacional, seu solo ideológico efetivo, sem se ater à palavra da interpretação chomskiana” (LI, 187).

O ponto mais recalcado do trabalho de Chomsky, segundo os autores, é a noção de regra, que permeia a gramática e o direito.

A explicação materialista para esse recalque será ligada às condições históricas nas quais se organizou o Direito na América. Mais uma vez recorrem à comparação, cotejando as configurações do direito na França e nos Estados Unidos, como já haviam mostrado em relação à gramática.

O direito na França é baseado em uma lei

pré-escrita. Nos EUA, trata-se de direito de jurisprudência. Em outras palavras, enquanto o francês segue regras programadas *a priori*, o americano estabelece as regras quando elas se fazem necessárias.

Segundo os autores, essas duas formas de raciocínio em termos legais — o espaço regulamentar, base do sistema francês, e o espaço da regra de procedimento, base do sistema norte-americano, têm diferentes repercussões em termos da coerção do indivíduo, já que

nesses dois espaços, o trabalho de interpretação é completamente diferente. No primeiro, trata-se de trabalhar as fórmulas de um texto para nele incluir ou excluir tal ou tal caso. No segundo, é a forma, a estrutura lógica da situação que trabalha de alguma forma sobre si mesma (LI, 191).

Pêcheux e Gadet reconhecem que esses dois sistemas jurídicos têm uma contrapartida nas maneiras de enxergar e examinar os fatos lingüísticos segundo diferentes teorias: as gramáticas européias, seguindo o primeiro modelo: regras fixas e posterior tentativa de classificar os exemplos segundo elas; a lingüística gerativa, seguindo o segundo: olhar o modelo e ir adaptando-o para conter os novos dados.

As fórmulas humorísticas são também alvo de comparação. Enigma, *witz* e *joke* são apresentados como mais um indicador das diferenças entre EUA e Europa. Os enigmas se baseiam em classificações e regulamentos. *Witz* e *jokes*, em jogos de absurdo.

Mostram as razões da incorporação da tradição intelectual judaica — que foi rejeitada durante tanto tempo na Europa — à ideologia WASP¹⁶. Tal identificação tem raízes não só na formação do povo americano, mas também na confluência de modos de expressão — à paixão dos norte-americanos pelo debate corresponde a “argumentação talmúdica”, tão ao gosto do povo judeu. Mas essa identificação entre modos de fazer humor norte-americano e judeu

¹⁵ Curiosa ironia – nobreza não foi o que os americanos tinham desprezado em sua própria história? Ah, sim, os autores de *La Langue* são franceses...

¹⁶ *White Anglo-Saxon Protestant* – sigla que identifica o norte-americano característico, e que remete ao *American Way of Life*.

não se dá sem contradição:

A ambigüidade anglo-saxã é fundamentalmente dicotômica: ela se inscreve nesse mundo lógico reduzido, nesse modelo reduzido construído pelo raciocínio lógico.

A relação do humor judeu com o absurdo é diferente: não se entrega nunca à pura lógica, mas supõe um desvio pela história, a língua, o Texto (LI, 195).

A filosofia chomskiana trata a lingüística como parte da psicologia, e essa um setor da biologia. Mas qual é o lugar do real nessa teoria? Segundo Chomsky, nenhuma parte do conhecimento humano deveria escapar ao inatismo — portanto o real da história, assim como o real da língua estaria imerso nessa “matriz”. O ser humano, inconsciente desse sistema, não chegaria a esse conhecimento, que é inato. Assim, diz Pêcheux e Gadet, “compreendemos então que o real histórico seja objeto de uma expulsão fora da esfera racional, em nome da luta contra o empirismo: da história como órgão mental, não há grande coisa para dizer!” (p. 199)

A descrição dos autores nos leva a conclusões chocantes sobre o ponto de vista gerativista. O núcleo humano seria invariante. Nele residiria, como um programa residente, a gramática universal — a mesma para todos. Esse raciocínio tem como consequência um totalitarismo de enormes proporções.

Tudo se passa como se, por uma espécie de harmonia preestabelecida, a gramática universal guardasse as categorias, também “universais”, do direito burguês: a responsabilidade própria ao direito das pessoas, a posse ligada ao direito sobre as coisas (LI, 200).

Nesse caso, talvez se pudesse dizer, então, que a gramática universal seria... a língua de Deus? Então Deus é ocidental, capitalista...¹⁷ e em seu nome pode-se então dizer que o conceito de liberdade é universal, e aí matar em nome da defesa desse universal. Assustador. Mas coerente.

Pêcheux e Gadet assim tratam esse tema, quem sabe prevendo o futuro:

Como se a ideologia W. A. S. P. tivesse se apropriado do espírito de perseguição da cultura judia, transformando-o em delírio paranóico de controle: nesse sistema, um ato de agressão torna-se um gesto de defesa e de autoproteção do modo de vida norte-americano (LI, 204).

Solução? Os autores não prevêm nenhuma, exceto talvez o escape pelo humor, espécie de inteligência que foge ao controle das máquinas oficiais (ou não?). Como é possível que a sociedade norte-americana consuma como entretenimento críticas ferozes ao seu próprio modo de ser — de “Os Simpsons” a “Beleza Americana”, de “Edwards Mãos de Tesoura” a “Tiros em Columbine”?). Desencanto, ironia. Fruto de uma época? O que Pêcheux diria de hoje? O que diria de nossos lingüistas, de nossa cultura? Finalmente, o que diria dessa política internacional?

Um olhar sobre o texto

Contar é muito difícil. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas — de fazer balancê, de se remexerem dos lugares.

Guimarães Rosa¹⁸

A perspectiva de escrever uma resenha de “*A língua inatingível*” me foi apresentada como uma tarefa hercúlea. Ao abraçá-la, tive ampla chance de perceber o quanto isso seria verdadeiro.

A língua inatingível é um livro denso. Mais do isso, é um livro cujas informações não se pode apreender de uma vez, mas que se vão revelando aos pedaços, com muitas idas e vindas, outras tantas consultas a outros materiais e — por que não admitir? — alguma frustração. O leitor chegará certamente à conclusão de que “tudo não se pode entender”, para brincar com uma das frases que poderia servir de epígrafe ao livro. Mas, afinal, não é esse o espírito do que diz o livro?

¹⁷ Os filmes norte-americanos sempre me impressionaram pelo fato de neles qualquer pessoa saber falar inglês. Se por acaso não o fazia era certamente um inimigo que deveria ser aniquilado... mesmo se fosse um alienígena!

¹⁸ Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.80.

Os autores elaboraram uma sofisticada análise da história da lingüística sob o viés da análise do discurso. Demonstram um conhecimento profundo tanto dos movimentos políticos, quanto das revoluções teóricas nos campos da filosofia e da lingüística ao longo do século XX, a partir da visão do estado da lingüística no final dos anos 70 (a primeira edição surge na França em 1981). E é justamente esse conhecimento enciclopédico que por vezes atordoia o leitor menos experiente ou menos informado.

Apesar de o livro ser uma análise da história da lingüística, nem sempre os autores vão se pautar somente pela cronologia dos fatos. Nos (muitos) capítulos do livro, eles vão construindo um tecido de informações em que entremesam os dados da história com a sua visão, fortemente marcada por fontes da psicanálise — Freud, Lacan, Milner são presenças constantes e por uma perspectiva marxista.

Gadet e Pêcheux trabalharam, como já se viu, sob duas grandes perspectivas: a da política, através de seus líderes ou das massas em fases de movimentação política, e da ciência, notadamente a psicanálise de base freudiana, perscrutando os movimentos na lingüística em sua busca pelo poder sobre a palavra.

Outro ponto de destaque desse livro é a leitura da obra de diferentes autores sob o ponto de vista da duplicidade: Dois Saussure, dois Maiakovski, dois Chomsky... Aparecem sempre os contrastes, mas também a ligação entre esses “duplos”.

Outra característica que chama a atenção é o processo de composição dos nomes dos capítulos. Ler o sumário desse livro sem conhecer o conteúdo é muito pouco esclarecedor. Geralmente só é possível entender esses títulos retrospectivamente, após o leitor ter dado conta não apenas do que diz o capítulo, mas, muitas vezes, das finas redes que ligam essas informações ao jogo de palavras presente do título. O que significa que alguém que queira utilizar o livro como uma fonte de consulta rápida provavelmente ficará bastante frustrado. Não é um livro que se possa folhear e fazer um comentário, mesmo geral. Há que se ler. Seriamente.

A quem interessaria tal leitura? À primeira vista, aos lingüistas interessados em compreender a obra de Pêcheux. Mas o modo como esse livro é escrito faz dele fonte interessante para quem quer compreender melhor, se aprofundar no estudo dos movimentos de linguagem do século XX, principalmente em suas repercussões políticas.

À guisa de conclusão

Após a leitura dessa obra, poder-se-ia sugerir um outro ponto de vista para a pesquisa sobre as relações língua(gem) e poder: a religião. Dos campos da vida humana, talvez seja aí o lugar em que melhor se percebe, por um lado, a não-univocidade da língua, e por outro as tentativas sangrentas de assegurar seu domínio e sua leitura uniformizada, quer por interesses, quer por crenças — o que, afinal de contas, talvez seja uma mesma coisa.

Penso que um bom exemplo do que seria esse trabalho seja observar as discussões sobre o nome que se dá ao que se conhece como Deus. Um fragmento dessa discussão está no trecho a seguir, encontrado em uma das inúmeras páginas da Internet que tratam do tema:

Os nomes de Deus

Segundo a teologia muçulmana, os nomes de Deus são 4 mil: mil são conhecidos apenas por Deus; mil por Deus e pelos anjos; mil, por Deus, pelos anjos e pelos profetas; mil, por Deus, pelos anjos, pelos profetas e pelos fiéis. Desses últimos, 300 são citados na Torá; 300, nos salmos; 300, nos evangelhos e 100, no Alcorão: desses, 99 são conhecidos pelos fiéis comuns; 1 está escondido, secreto e acessível somente aos místicos mais iluminados.

Segundo os ensinamentos do profeta Maomé, “existem 99 nomes que pertencem somente a Deus: aquele que os aprende, que os compreende e os enumera entra no paraíso e alcança a salvação eterna”. De fato, entender “a essência” desses atributos é o primeiro passo para enriquecer-se espiritualmente. Eis porque, no plano estritamente prático, é costume do muçulmano, que se recolhe em oração, fazer correr entre os dedos as 99 contas do seu rosário. Todavia, os nomes de Deus não são Deus, mas um simples símbolo da realidade divina, adaptada aos limites da razão humana.

Agenda latinoamericana mundial.

O trabalho de linguagem em torno do termo que designaria Deus é sempre a tentativa de “dizer o indizível”.

O trabalho sobre um texto não se encerra, como bem sabe cada leitor que relê um livro depois de algum tempo. A cada leitura e a cada leitor, o livro se fecha/se abre, em um jogo de evocações — explicações que lembra espelhos postos um diante do outro. Mas urge encerrar esta resenha. Para fazê-lo, recorro, como fiz tantas vezes ao longo desse material, a dois fragmentos de textos literários, que (como ainda estou convencida, apesar de tudo o que foi dito ao longo do texto de Pêcheux e Gadet) exemplificam mais claramente que outros discursos o jogo permanente de contradição de que nos fala “*A língua inatingível*”:

O objeto da longa perseguição de Gadet e Pêcheux talvez possa ser também a procura de

Fernando Pessoa, em seu heterônimo Alberto Caeiro.

Caeiro admira a Natureza e busca atingir a mesma impassibilidade dos elementos naturais. Para este heterônimo o mundo não encerra mistérios: Deus, metafísica, “sentido último das coisas”, nada disso importa, as coisas são apenas as coisas. E é esta realidade pura, sem símbolos de qualquer espécie, que constitui o alvo de sua criação poética.¹⁹

Sua filosofia pode ser assim resumida:

*O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.²⁰*

Talvez seja esse o paradoxo da língua. Tentar dar conta disso será, então, como nomear Deus — a cada nome, outro fica de fora. Quem sabe, como as franjas de Machado de Assis²¹, indicando a eterna contradição humana...

¹⁹ Disponível em <http://educaterra.terra.com.br/literatura/oesiamoderna/2003/11/05/003.htm>

²⁰ CAEIRO, Alberto. (Fernando Pessoa). poema V de O Guardador de Rebanhos.

²¹ MACHADO DE ASSIS, A igreja do Diabo.

Bibliografia

AGENDA latino-americana mundial. Disponível em <http://latinoamericana.org/2003/textos/portugues/DeusNoAlcorao.htm>. Acesso em 18/10/04.

BANDEIRA, Manuel. Arte de amar. Disponível em <http://www.cin.ufpe.br/~ago/poesias/mbandeira>. Acesso em 04/10/04.

CAEIRO, Alberto (Fernando Pessoa). *O Guardador de Rebanhos* [poema V]. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

CHOMSKY, N. *Théories du langage théorie de l'apprentissage: le débat entre Jean Piaget e Noam Chomsky*. Paris: Editions du Seuil, 1968.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica dentro e fora da língua. *Linguagem & Ensino*, v. 2, n. 1, p.123-137, 1999.

GIL, Gilberto. Metáfora. Disponível em www.limiar.com.Br/songbook/s_gil.htm. Acesso em 04/10/04.

HELSLOOT, Niels 'Having one's nose in order. Towards a post-marxist theory of language'. Disponível em <http://www.nielshelsloot.nl/publications/1995a.htm>. Acesso em 02/10/04

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *A Igreja do Diabo e outros contos*. São Paulo: Scrinium, 1996.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (Re)ler Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística general*. 4 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1961